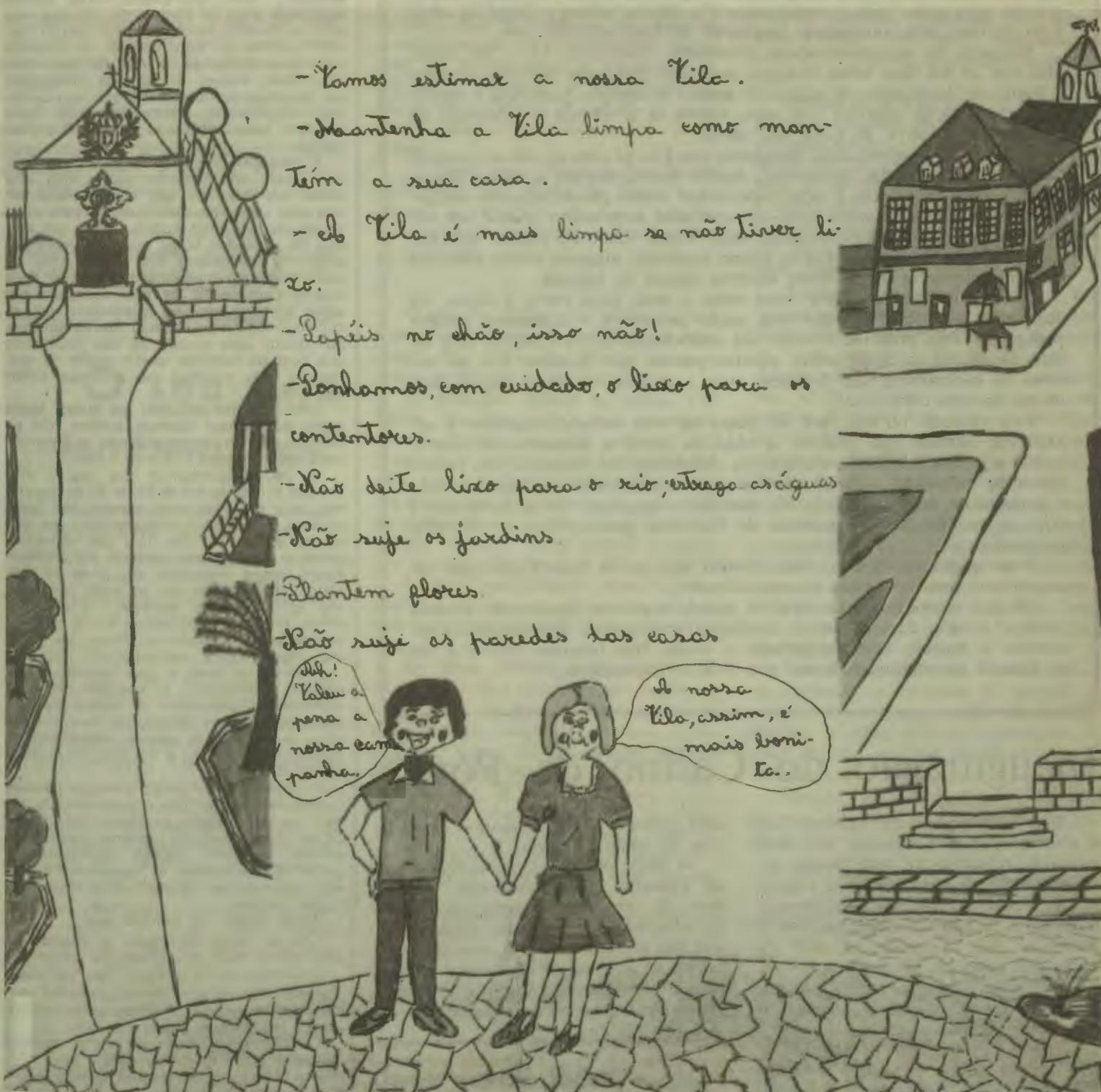


O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA



CAMPANHA DE LIMPEZA E EMBELEZAMENTO DA VILA DE FÃO

Iniciativa da Escola Primária de Fão

EDITORIAL

A gravura da 1.ª página reproduz uma face de um desdobrável da responsabilidade da Escola Primária de Fão e que se insere na campanha de limpeza e embelezamento da nossa terra.

Confessamos a nossa agradável surpresa por tão louvável iniciativa, que teve igualmente a colaboração da Câmara Municipal de Esposende.

Já é tempo, pensamos, de a Junta alargar o seu raio de acção, isto é, avançar para zonas onde o espectacular e o visteiro cedam o passo ao subtil e ao discreto, mas cinzeladoras igualmente do bem-estar do povo.

Ninguém lhe nega motricidade, dinamismo, realizações, obras, em suma. Mas nem só das ditas obras vive uma autarquia. Em nosso entender pertence à Junta um desencadear de acções de âmbito pedagógico com vista a educar (não gostamos da palavra) com vista, vamos lá, a adensar o substracto da gente da nossa terra, de todos nós, afinal.

Já falámos do espectáculo deprimente que Fão dá com os vidros escaqueirados das paragens das camionetas. Aquilo envergonha-nos a todos. Depois temos o caso da limpeza e neste aspecto nós somos paradoxalmente desconcertantes: é que a natureza dotou-nos com uma terra muito linda e nós teimamos em trazê-la particularmente suja. Todos intuimos, porém, que formosura e falta de limpeza não se podem combinar, ninguém afirma que uma mulher esplende se lhe faltarem aspectos básicos de higiene.

No entanto não-de querer saber como e onde pode entrar a Junta. De duas maneiras: desenvolvendo uma acção persuasiva e dissuasora e outra pedagógica. Pela primeira, criando (em colaboração com a Câmara) uma tabela de multas (a sério) sobre aquelas pessoas que deitarem lixo no rio, sobre os construtores que deixarem areia e entulho em plena rua, a meio ou no fim das obras, etc.

Pela segunda, ou seja, sob um ponto de vista cultural, sugerimos a afixação de cartazes que «façam» à alma da gente, e aconselhamos com o maior empenho reuniões periódicas da Assembleia de Freguesia. Aí, com o seu verbo inflamado, o Presidente bem poderia sensibilizar os fangueiros para a necessidade de manterem a vila asseada e agradável. Aí se discutiram a sério os problemas mais instantes de Fão e as pessoas ficariam afectadas positivamente.

Interrogamo-nos, porém, como poderá isto ser se Luís Viana foge das assembleias como os santos das tentadoras?

Já que estamos com a mão na massa, sugerimos igualmente à nossa Junta a criação de uma escola de música onde seriam ministrados ensinamentos de manejo de viola, guitarra e violão. Não faltariam alunos e não se deixaria morrer ingloriamente uma bela e rica tradição.

Inauguração do Casino da Póvoa

Na cidade poveira foi reinaugurado o Casino, depois de passar por uma profunda remodelação onde foram investidos cerca de meio milhão de contos.

A planta interior foi reestruturada tornando-se o edifício mais funcional e sobretudo bem decorado. A sala de bingo foi instalada igualmente no renovado imóvel. A traça exterior, que inicialmente esteve ameaçada, mantém o seu cunho original.

Estamos cientes que os adeptos de um «casino novo», perante a grandiosidade das obras efectuadas, vão sobrestar-se quanto a uma opinião mais radical.

Houve, por assim dizer, três inaugurações: uma dedicada aos órgãos da imprensa; outra aberta a quatrocentos convidados e que teve a presença do Secretário do Turismo e finalmente

uma terceira que comemorava a abertura do salão de festas.

A todos os convidados o Presidente do Conselho de Administração da Sopena, dr. Arriscado Amorim, esclareceu os objectivos da empresa, sublinhando que não se tratava de uma empresa capitalista no uso vulgar do termo, mas de uma organização que visava o revigorecimento das estruturas turísticas do Norte.

BAR 101

Em Apúlia reabriu ao público o BAR 101, dirigido desta vez pelo prof. Eugénio Barreira.

Trata-se de um recinto bem decorado, com música ambiente onde não se dá pelas horas.

Felicidades para o seu proprietário.

O CAMPISMO EM FÃO

Nesta época de férias, muitos são aqueles que demandam esta zona para aqui passarem uns tempos agradáveis. Há aqueles que vêm para os hotéis, os que arrendam casas e também aqueles que vêm acampar. Tanto uns como outros, trazem benefícios para os Fangueiros. Os que vêm para os hotéis, com o dinheiro que aí deixam contribuem para manter o emprego de muitos habitantes da Vila. Os que arrendam casa, trazem às famílias Fangueiras um desafio económico. Os que vêm acampar, normalmente, abastecem-se nas lojas de Fão para satisfação daqueles comerciantes.

É daqueles campistas que me vou ocupar. Todos nós sabemos que a vida está difícil, por isso, os que querem fazer férias vão cada vez mais optando pelo campismo por ser mais barato. Existe um parque na zona dos Lirios mas, no Verão encontra-se superlotado. Em virtude disto, ou para pouparem ainda mais, ou pelas duas coisas, muitos são os que acampam por esses pinhais fora. Ao fazerem-no sem as mínimas condições acabam inevitavelmente, por deixar uma porção de lixo acumulado que com as nortadas desta região se propaga a todo o pinhal. Há pois que tomar providências.

Uma primeira pergunta me surge. Muita gente que possui terrenos baldios não os poderia afectar a parques de campismo? Será fácil fazê-lo?

O Dec. Regulamentar que regula esta matéria é o D. R. n.º 38/80 de 19 de Agosto. Não vou macá-los com transcrições deste diploma, mas quero somente dizer-vos que ao ler o art. 17.º que fala dos requisitos gerais a que devem obedecer os terrenos, fiquei com a impressão que é de tal maneira condicionante que se torna num convite ao campismo selvagem. Cito, entre outras coisas a necessidade de os terrenos «terem boa exposição ao Sol» e por outro lado terem «boas sombras».

Então a quem é que compete julgar aquelas condições? A competência para organizar os processos de instalação pertence às Câmaras Municipais. Porém, estas estão sujeitas a um parecer vinculativo do Secretário de Estado e Turismo. RICA DES-CENTRALIZAÇÃO.

E quanto ao campismo fora dos parques (o dito selvagem?) Este é proibido a menos de 1 km dos próprios parques e das praias. Já no ano passado se tomaram medidas no sentido de evitar aqueles acampamentos que a não cumprirem as regras de higiene, vão sem dúvida afastar daqui todos os outros turistas.

Assim somos de opinião que:

1.º—Se deve incentivar a criação de pelo menos mais um parque de campismo.

2.º—Que se continuem com as medidas tomadas no ano transacto (quicá melhoradas) para evitar o campismo selvagem e melhorar o asseio da Vila.

Os campistas devem ser como pessoas amigas e como tal devem actuar para conosco. Quando convidamos amigos para nossa casa esperamos que não deltem ossos de frango, ou espinhas de peixe, ou papéis para o chão. Também os ditos veraneantes o não devem fazer nos pinhais, pois estes fazem parte da casa colectiva de todos os Fangueiros o que é a Vila de Fão.

Quanto ao referido decreto terá concertada a sua utilidade em caso de indisposição intestinal.

FANGUEIRADAS

por DIAS COSTA

E hoje é vez de crónica de praia, própria para refrescar um pouco esta página do «Novo Fangueiro». Crónica de acontecimentos de praia. De uma uma praia. Mas que serve para qualquer outra, seja Ofir, Esposende ou Algarve.

A meu lado, três «putos» fizeram um molho com as suas roupas e pediram: «o senhor bota uns olhinhos aqui, enquanto vamos à água?» Lá «botei uns olhinhos» mas, quase logo depois, também vi que deitavam para a areia o papel do sorvete que comiam. Ensi-nei-lhes como deviam fazer, utilizando os cestos ali perto. Mas não lhes ralhei muito. Porque já em piscina «alta sociedade», no Porto, vi meninos de cara

“O seu sujo também lixa”

limpa fazer o mesmo que estes «putos» de pés a precisarem de mais higiene.

Dediquei então mais atenção à música da instalação sonora, debitava todos os sucessos dos anos quarenta, com regleyo para os «Olhos castanhos» do Chico Zé, mais ainda melodias da Maria Clara, do Nat King Cole e do António Machin. Nada mau. Havia quem protestasse contra «estes gostos» do «bota-discos». Mas aquilo, por certo, era o que havia lá pela discoteca. Porém, protestar, protestar era contra um fulano que se entretinha a brincar com um cãozinho que regressava do banho de mar e vinha sacudir-se junto de quem estava calmamente a apanhar banho de sol. O fulano era «frança-guês», o que se topava pelos seus constantes e altamente pronunciados brados de «arrête le chien». Para, logo a seguir, dizer o resto em português bem perceptível. Mas ninguém «arretava o cão», o que incomodava muita gente. Tal como o muito lixo que por ali se via não era nada agradável para quem tem de utilizar aquela praia. Estavam lá muitos cestos para aquele fim. Alguns bem cheios até. Mas outros ignorados. E, pela praia adiante, muito lixo deitado por quem «não bota uns olhinhos» nos recipientes para lixo.

E é por isso que escrevi esta breve crónica. Lembrando que se «o seu sujo também suja» não é menos verdade que «o seu sujo lixa também lixa».

O Mundo em que vivemos

A pouco mais de um mês sobre o Dia da Mãe, esta despreziosa narrativa propõe-se como singela homenagem às Mães Portuguesas.

A figura de Mulher-Mãe que apresentamos não é produto da imaginação — ela existe. Conhecêmo-la, e escolhêmo-la para aqui a deixar como um símbolo, por nos parecer que nela se consubstanciam as características essenciais da Mulher-Mãe: a dedicação silenciosa e discreta; a abnegação que não conhece limites; o espírito de sacrifício a raiar — quantas vezes — o heroísmo.

E assim, aqui deixamos (um pouco tardiamente por razões de tempo e de espaço) a expressão do nosso respeito e do nosso carinho por todas as Mães de Portugal.

O marido abalou para o Brasil. Deixou-a com 27 anos e um filho em cada braço. Por amor dos filhos, sofreu a chaga mordente da ausência dele.

A princípio vinham as cartas. Tão lindas! Na letra rude e mal amanhada do seu homem, aquelas palavras tão boas que a aqueciam por dentro: «Arrecebe um coração cheio de soidades do teu home que munto te quer e te traz no pensamento»... Não vinha dinheiro porque, coitado, ainda estava a começar a vida, desculpava-o ela.

Os dias iam rolando, entre o gengear do campo e o cuidar dos cachopos; os meses passaram e os anos também.

Os filhos tiveram o sarampo, bexigas e nada lhes faltou: foram noites de vela e dias de luta. Fizeram a Comunhão Solene, foram às «sortes», cumpriram a tropa. Do pai, silêncio apenas. As cartas cada vez mais raras terminaram de vez. O silêncio cresceu sobre a mulher e amortidou-a. Só os rapazes, fortes e alegres, traziam para a casa sombria o eco das gargalhadas juvenis. Eram todo o seu bem, o seu

A MÃE

tesouro, o seu orgulho. A fatalidade, porém, não tardou: o mais velho, atraído pela miragem de uma vida melhor, abalou também, passando «a salto» para França. Viu-o partir num amargo silêncio, o silêncio da solidão acrescentada.

Depois foi o mais novo, o seu «benjamim», que veio pedir para ir ter com o irmão. Ouviu-o e encheu-se de pavor: era o que lhe restava, ia perdê-lo também. E ele foi. Vestiu-se de negro para a despedida e ficou a olhar o caminho que lho levava, até o perder de vista. Em silêncio, no pesado silêncio da solidão total.

Também as cartas dos filhos rarearam até deixarem de vir. Ela foi-se habituando à solidão definitiva, no campo, em casa, no quarto pequeno e esconso onde cismava mais do que dormia. O lar, tantas vezes apagado em tempos de fome! Mas sempre em silêncio. Já nem as lágrimas vinham salgar-lhe o pão que mastigava; nem essas faziam brilhar agora o olhar vazio.

As costas foram-se encurvando, sob a idade, o trabalho e a mágoa. A pele pergaminhou. O cabelo embranqueceu. Os olhos ganharam o geito de procurar lonjuras, onde se perderam os que amou. Fala pouco. Já não pode trabalhar. Está só. O campo está seco e vazio como ela própria está.

Sentada na soleira do casebre, espera, paciente, a caridade. E quando a esmola cai no avental poído, um sorriso distante e vago ilumina fugazmente o rosto sereno: — «Deus lo acrescente!»... — murmura.

Depois, volta a fechar-se no seu mundo, no seu reino intocável de silêncio.

E. REAL

Nova Estação C.T.T. em Esposende

No dia 8 de Junho foi inaugurado em Esposende um novo edifício dos C.T.T.

Amplio funcional, com linhas modernas, o novo imóvel dos C.T.T. veio preencher uma lacuna nesta zona marítima, pois toda a correspondência concelhia é despachada através deste centro e assim se compreende que a antiga estação não corresponde já ao tráfego existente.

O custo da obra atingiu os dezolito mil contos.

No acto inaugurativo estiveram presentes o Presidente do Conselho de Administração dos C.T.T., Eng. Oliveira Martins, um filho ilustre de Esposende, o Director Regional dos Correios do Norte, dr. Sousa Pinto, o Chefe do Departamento Postal de Braga, o nosso amigo e conterrâneo Carlos Mariz, Presidente da Câmara de Esposende, Eng. Losa de Faria e outras autoridades.

Agradecemos a gentileza do convite.

FESTAS POPULARES

S. João rapioqueiro
Veio até Fão em romagem,
P'ra comer sardinha assada,
P'ra 'judar a canoagem.

Já vai sendo uma tradiçãozinha na nossa terra, mais precisamente no largo do Fontes, esta festa dedicada ao Santo das romarias nortenhas.

Quem a organiza é a secção de canoagem e estes jovens fazem mesmo questão p'ra que a festa resulte. O certo é que vai resultando. Houve arraial, «comes e bebes» e até meteu gigantones e cabeçudos. O largo encheu, dançou-se e pinchou-se até às tantas. A receita atingiu os limites previstos.

E até deu para fazer a quadra que encima esta notícia e servia de ex-libris no largo Manuel Magalhães, à qual «se diz» que o Santo teria respondido:

Rapazes e raparigas
Da canoagem de Fão;
Destes-me boas sardinhas,
Deixo-vos meu coração!...

Na noite de 28 para 29 foi a vez

de S. Pedro, ou, como diria Júlio Isidro, «a festa continua».

Só que não houve quadras, mas a reinação encheu a praça.

E para o ano... cá ficamos à espera!...

Assinantes no estrangeiro

• «O «Novo Fangueiro» está a ser enviado para Nantes-França, ao nosso conterrâneo António Torres. Deste amigo noticiavam os jornais há dias que esteve no aeroporto daquela cidade a receber a equipa dos «PATRÍCIOS» na qualidade de Presidente de um clube local, exclusivamente dedicado à prática de hóquei em patins.

Um grande abraço.

• Também o nosso jornal vai regularmente para a nossa assinante, D. Mariana Riedl que vive em Freisingerstr-Alémãha e esteve recentemente em Portugal, de visita a seu familiares.

Auf wiedersen.

Nova Revista

Da autoria dos fanguieiros, Dr. Alceu Vinha dos Santos, Prof. Mário Ramiro, Carlos Palma Rios e Dr. Alberto Vale, vai ser levada à cena, em Fão, uma revista que conterá várias «charges» aos usos e costumes actuais.

Como ensaiadores estão indigitados o sempre jovem Zé Maia, o seu filho, Carlos Maia e Manuel Barbosa. O acompanhamento musical será da responsabilidade do Mário Belo e Manuel Sacramento.

Fazemos votos para que o entusiasmo não esmureça e que esta tão rica tradição fanguieira continue a ser exemplar no concelho e até no Norte do País.

Visita que se renova

• Mais uma vez temos entre nós o Sr. Estanislau Pereira da Silva, um fanguieiro que reside habitualmente em Porto Alegre, no Brasil.

A visita nada teria de especial se o Sr. Estanislau não tivesse já a propecta idade de 88 anos. Pois há já uma década que este conterrâneo nos visita regularmente e o seu ar escorrito e desempanado diz-nos que temos homem para ultrapassar a centúria.

Boa estadia!

• Também se encontra em Fão, de visita a seus pais, o nosso amigo Boaventura Barros Peixoto.

Desejamos-lhe boa estadia.

Necrologia

No último dia 12, faleceu em Fão a Senhora D. Maria Júlia Ramalho Vilas-Boas. Senhora dotada de rara sensibilidade, foi durante muitos anos a organista da Igreja Matriz. Por mais de uma vez colaborou em espectáculos teatrais, que o falecido Prior Nogueira realizava no Salão Paroquial, e esteve sempre disponível para quaisquer actividades similares a que fosse necessário o seu contributo.

Ao casal Barros Lima as nossas condolências.

No dia 18 de Junho faleceu nesta Vila a Senhora D. Conceição de Jesus Ferreira, uma das senhoras mais idosas da nossa terra.

Aos seus familiares os nossos pêsames.

VIDA ROTÁRIA

Na penúltima sexta-feira realizou-se no Hotel do Pinhal a transmissão de tarefas (mudança de direcção) do Rotary Club de Esposende.

Assim o dr. Agostinho Reis passa a ocupar o lugar deixado pelo dr. Francisco Brás Marques.

Formulamos votos para que o ano rotário do novo Presidente seja fecundo em realizações a favor da comunidade.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário de Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de profissionais de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento de apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

• Dicionário de Língua Portuguesa - 4.ª edição - 1.978 - 1.200 páginas - 1.500\$000
• Dicionário de Língua Portuguesa - 5.ª edição - 1.980 - 1.200 páginas - 1.500\$000
• Dicionário de Língua Portuguesa - 6.ª edição - 1.982 - 1.200 páginas - 1.500\$000
• Dicionário de Língua Portuguesa - 7.ª edição - 1.984 - 1.200 páginas - 1.500\$000

PORTO EDITORA, LDA.
LIVRARIA ARNADO, LDA.
IMP. L. LUMINE, LDA.

O perfil de hoje

(Continuado da pág. 8)

— Oh! Carai! — diz logo o Miro — Mas este não é o Café Ri Alto? É o que estamos a fazer ... »

Ora estes ditos muito oportunos, fulminantes, acorriam-lhe à mente em fracções de segundo e arrebetavam com o ambiente mais sério. Ninguém resistia.

«Outra ocasião» — agora é o Ki que lembra — «estávamos a jogar bilhar no Clube Fãoense. O Comandante Esteves, então solteiro mas já «encaminhado», disse a certa altura:

— Comia agora uma pera.

— Sim, sim — ajuntou logo o Miro — uma pera de Amorim ... Campos! (Era esse o apelido da noiva do Comandante).

«Nunca nos deixou mal» — esclarece ainda o Ki — «Sempre educado, regulava as palavras à temperatura am-

biente e aguentava qualquer conversa fosse com quem fosse. Uma ocasião, em casa do Pinto Miguel, pôs-se a conversar com uma professora de Filosofia e a coisa já ia longe, quero dizer, ia profunda. Quando ela soube que o Miro era sapateiro, sentiu-se como que «gozada» e a partir daí a conversa esmoreceu. No entanto o Miro, esse, manteve-se impávido e sereno como se nada fosse».

Claro que a sua personalidade era multifacetada, mas só vamos relatar mais dois breves episódios, sob pena de enchermos o jornal com a sua biografia.

Dizem os velhos banhistas que naquele tempo o arquitecto Soutinho era um tanto «agarrado». «Andava sempre com uma nota de quinhentos» — diz-nos uma fonte insuspeita — «para evitar trocá-la». Pois um dia aquele técnico, abdicando da sua proverbial «agarrão», disse à malta:

— Eu apresento-me aqui como Egas Moniz.

— Oh! Oh! — avançou logo o Miro — Tu não és o Egas Moniz. Tu és o Negas Mónis (Money = dinheiro).

Claro que estas frases repercutiam-se no meio e hoje fazem parte do espólio memorial de Belmiro Gonçalves.

Pelos vistos, nem em momento de fúria, de raiva ou de pancadaria lhe faltava a «veia».

Consta que um dia, por causa de um cunhado, esteve prestes a pegar à pancada (era pelo menos a 2.ª edição), com o António Herdeiro, outro herói da nossa infância.

No auge da discussão, teria ameaçado o Miro: «António, olha que eu já te provei ...» (referia-se ao célebre corte de orelha que lhe fizera uma vez).

Uma figura de Fão cujo riso chocalhante se recorda com divertida saudade:

— «Oc! ...Oc ... qssss!» Era assim as risadas do Miro.

A. SARAIVA

DOENTES

• Tem sido ultimamente apoquentado pela doença o nosso amigo e colaborador, Dr. Alceu Vinha dos Santos.

Desejamos-lhe uma recuperação breve e total.

• No hospital de S. João foi submetido a melindrosa operação cirúrgica o nosso confratão Arlindo Lopes Cardoso.

Tudo resultou dum atropelamento ocorrido há meses cujas sequelas só agora se manifestaram de uma forma alarmante.

Felizmente foi operado com êxito e já se encontra em franca convalescença.

ENCONTRO DE COROS

No próximo sábado, dia 14, vai realizar-se na Igreja Matriz de Esposende o II Encontro de Coros Paroquiais em que tomam parte agrupamentos de Antas, Belinho, Esposende, Forjães, Gemeses e Marinhãs.

Trata-se de um acontecimento cultural importante que terá concerteza o mesmo êxito do primeiro encontro.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777

BODAS DE PRATA

No dia 13 de Maio, comemorou as suas bodas de prata o casal Maria Antonieta Ramalho Vilas-Boas Barros Lima e Artur Barros Lima.

Para comemorar a efeméride, realizou-se uma cerimónia religiosa no Templo do Bom Jesus, tendo os «noivos» oferecido um beberete a um grupo de amigos convidados.

O «Novo Fanguero» saúda com muita simpatia o casal aniversariante.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Maria José Barra Reis Pimenta
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Dr. José Augusto Madureira
Carlos Dias Costa

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — F8o
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

PREÇO AVULSO: 25\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante



ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de todo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ★ ★ ★

OFIR - 810 - 4140 ESPOSENDE - TEL. 663-96 147144 - TELEX 12877
(para Colocação pelas proximidades)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoesas. Terraços. Jardins. Alvarios. Piscinas. Ténis.



por ZINHA

Em qualquer lugar te vejo passar!

Apressada para o trabalho, para as compras, no dia a dia!

Todos te conhecem e ninguém sabe quem és!

Serás para alguns a colega de trabalho que tem sempre um sorriso indulgente, uma palavra amiga, um estímulo a oferecer, um conselho a dar.

Sim, porque tu és capaz de dar

conselhos, não pela tua grande experiência, mas pelo teu coração, pelos teus olhos, que vêem, penetram e entendem.

É verdade, tu entendes!

Tu entendes que é preciso dar e tu sabes Dar!

Tu tão bem sabes multiplicar e adicionar para os teus e tão bem subtrais a ti!

Olhas-te no espelho!

Teu rosto cansado, tua roupa «dénodé»!

Mas que importa, se o teu filho tem os sapatos que desejava e a tua filha as calças com que sonhava?!

E tu trabalhas!

Tu lavas e passas!

Tu sempre consertas a roupa de dentro, tu cozinhas e comes!

Comes?!

Comes o que sabes que os teus não gostam ...

E sabes sorrir!

E sorris sempre, e abraças o teu homem quando ele volta e te beija fugazmente, e quando ele não tem aquele olhar que tu esperas, a atenção que desejavas, a carícia que querias!

Sim, porque tu não és só corpo, és mais, muito mais ...

Mas para ele sempre arranja desculpa — vem cansado, o seu trabalho é extenuante, tem necessidade de repousar e encontrar lar acolhedor ...

E mais uma vez sorris quando te apetece chorar e assim cantas, quando gritas por dentro!

Gritas?!

Mas será que tu és capaz de gritar?

Não, não creio principalmente quando se te ouve, à hora de deitar, recitar com os filhos: Pai Nosso ... seja feita a Vossa Vontade, assim na terra como no Céu ...

Mas não tens olhar de mártir, nem aspecto de vítima!

Do teu olhar irradia luz, o teu sorriso é doce e franco, o teu andar firme e decidido de quem sabe para onde vai!

Mas ... quem és?

Quem és tu?

Maria? Ana? Heroína? Santa? Não!

Simplesmente ... Mulher!

O PERFIL DE HOJE

por A. SARAIVA

No tempo em que ser doutor era apanágio da gente grã-fina, o Miro era um doutor. E isto porque no Verão ele só acompanhava com os banhistas, os Sampaio e Castro, o Madureira, o Pádua Ramos, o Alcino Soutinho, o Pinto Miguel, o Júlio Monteiro, o Querubim(Ki) e tantos outros. Estamo-nos a referir ao Belmiro Gonçalves, o «Miro Careta», como era popularmente conhecido.

Viviam nele duas personalidades distintas: uma que se desvelava no Verão, precisamente na altura em que o pai se lhe referia com certo sarcasmo: «O meu filho agora é banhista»; a outra era para consumo interno, para uso de Fão, cujos habitantes o achavam um cidadão vulgar.

Vulgar, vulgar, não será bem o termo. O Miro para a gente local era sobretudo um bombeiro dedicado, valente, empenhado. Ia a «todas»: aos funerais, às festas, aos incêndios, aos desastres; mal tocava a sirene, ele instintivamente levantava-se e ainda por instinto aparecia no quartel. Poderemos afirmar que a sua integração no corpo activo era tal que o Miro personificava os Bombeiros e os Bombeiros eram o Miro.

Para os banhistas este nosso conterrâneo como que mitificava a singularidade fangueira. «Era um tipo fixe,

O MIRO

amigo do seu amigo, um homem que entrava às cegas numa zaragata para defender um amigo, tivesse ou não razão», diz-nos dele um infectível admirador. Era também — e talvez fosse esta a faceta mais destacável — um repentista emérito, íamos dizer genial ... «Um dia» — conta-nos o Madureira — «levámos o Miro ao Porto para uma patuscada das muitas que fazíamos. Para fazer horas, fomos até ao Café Rialto e logo o Miro, com as suas anedotas e os seus ditos, pôs tudo em polvorosa. Todos ríamos às gargalhadas. Foi então que uns estudantes — estava-se em época de exames — nos vieram pedir para que fizéssemos menos barulho.

(Continua na pág. 4)



AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO